

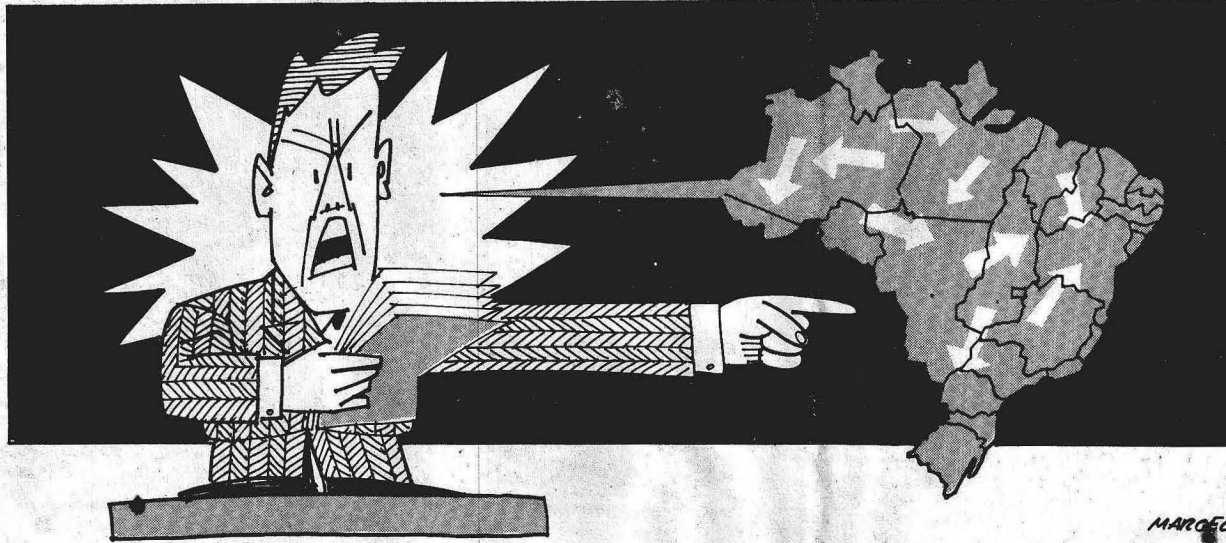
Lado a lado, a diferença entre os candidatos.

ÁLVARO NASCIMENTO

A eleição presidencial da próxima quarta-feira não restringe sua importância ao fato de ser a primeira depois de 29 anos sem que o povo pudesse eleger um Presidente da República. Tampouco tem seu valor medido, simplesmente, pela esperança que 82 milhões de eleitores depositam em seus candidatos para que eles consigam enfrentar os graves problemas do País. Esta eleição tem sua importância determinada, também, pelos vários mitos que derrubou. Mitos que apareciam como verdades inquestionáveis, mas que objetivamente nunca tiveram comprovação real.

Entre esses mitos que foram derubados pela dinâmica e modernidade da campanha está, por exemplo, a afirmação de que no momento em que o ex-Governador Leonel Brizola (PDT) tivesse acesso à televisão sua vitória estaria garantida. Brizola se apresenta pela última vez hoje na TV e não conseguiu subir além dos 15% na preferência do eleitorado.

Outro dogma ainda repetido por alguns eleitores desatentos, que essa eleição comprovou ser equivocada, é aquele segundo o qual todos os candidatos são iguais. A campanha mostrou que não são e para o eleitor que acompanhou os debates e o horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão, onde cada candidato expôs suas idéias, fica fácil identificar os partidos e candidatos que mais se



MARCO ECO

aproximam de suas opiniões em relação aos caminhos a serem seguidos para a solução dos problemas do País.

E verdade que há convergências em algumas propostas específicas, o que aparentemente poderia mostrar que os programas dos candidatos são idênticos. No entanto, se o eleitor comparar cada programa em seu conjunto, identificará grandes divergências entre eles, fator que o ajudará, sem sombra de dúvida, a decidir em quem depositar o seu voto daqui a três dias.

Em alguns temas, como por exemplo o da dívida externa, os tratamentos são bastante diferenciados, com

candidatos propondo claramente a suspensão do pagamento aos credores para a sua renegociação em novos moldes juntamente com outros países devedores (como é o caso de Lula e de Roberto Freire), outros dizendo que pagarão a dívida de acordo com o seu valor no mercado secundário, negociando com os bancos internacionais uma redução das taxas de juros hoje cobradas (proposta de Covas, Maluf, Brizola, Ulysses, Afif e Aureliano). Há também a posição singular de Collor, que defende a retirada do aval da União das dívidas assumidas pelas empresas estatais, com cada empresa passando a negociar de forma individual seus débitos, e até mesmo a declaração

insólita de Ronaldo Caiado, que afirma não estar preocupado com o assunto e que não só honrará todos os compromissos com os credores internacionais como fará tudo para aumentar ainda mais a dívida brasileira.

Além da estratégia de cada um para resolver o problema da dívida externa, O GLOBO publica um resumo das opiniões dos dez candidatos mais bem colocados nas pesquisas de opinião em relação à inflação, à distribuição de renda, ao desemprego, à segurança pública, à habitação, à corrupção, à educação e à saúde. São informações essenciais para ajudá-lo a decidir sobre o seu voto.